

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

MÍRIAN RAÍZA DOS SANTOS CASTRO

TRATAMENTO TÉCNICO DA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL DO CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA

GOIÂNIA
2017

MÍRIAN RAÍZA DOS SANTOS CASTRO

**TRATAMENTO TÉCNICO DA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL DO CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria de Fátima Garbelini.

GOIÂNIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Castro, Mírian Raíza dos Santos

C355t Tratamento técnico da documentação audiovisual do centro de documentação da organização Jaime Câmara [manuscrito] / Mírian Raíza dos Santos Castro – 2017.
50 f. : il. col.

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)–Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 2017.
Orientadora: Prof.^a Dra. Maria de Fátima Garbelini.

1. Processamento técnico. 2. Arquivo. 3. Documentação audiovisual. 4. Biblioteconomia. I Título.

CDU: 930.251:002(086)

MÍRIAN RAÍZA DOS SANTOS CASTRO

**TRATAMENTO TÉCNICO DA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL DO CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharela, aprovada em 06 de dezembro de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelas professoras:

Prof.^a Dra. Maria de Fátima Garbelini (Presidente da Banca)
Universidade Federal de Goiás

Prof.^a M.^a Laís Pereira de Oliveira (Membro Examinador)
Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado forças nos momentos de provação.

A minha família por ter me dado apoio e me inspirado a chegar tão longe.

A todos os professores que participaram na minha formação.

A Ana Márcia do CEDOC da TV Anhanguera que me atendeu tão bem e a Prof.^a Dra. Fátima por ter me auxiliado de forma paciente nessa última etapa.

Enquanto houver busca pelo conhecimento haverá o
bibliotecário.

RESUMO

Realiza estudo no Centro de Documentação do Grupo Jaime Câmara, situado na cidade de Goiânia – Goiás. Utilizou-se levantamento bibliográfico sobre documentos audiovisuais em especial nos meios de comunicação. A pesquisa foi um estudo de caso e pesquisa descritiva, elaborou-se um roteiro de entrevista que foi realizada com a bibliotecária responsável pelos serviços do centro de documentação a fim de se conhecer os recursos humanos, serviços, processamento técnico, preservação do acervo e usuários e o funcionamento do mesmo. Observou-se um grande volume de documentos e informações a serem tratadas e muitas já com a utilização das modernas tecnologias. Conclui-se que todo o tratamento desenvolvido é de muita importância para arquivo e memória das produções jornalísticas assim como a reutilização das informações.

Palavras-chave: Documento Audiovisual. Centro de Documentação. Organização Jaime Câmara. Processamento Técnico.

ABSTRACT

It carries out a study in the Documentation Center of the Jaime Câmara Group, located in the city of Goiânia - Goiás. A bibliographic survey was used on audiovisual documents, especially in the media. The research was a case study and descriptive research, an interview script was elaborated that was carried out with the librarian responsible for the services of the documentation center in order to know the human resources, services, technical processing, preservation of the collection and users and the operation thereof. There was a large volume of documents and information to be dealt with and many of them already using modern technologies. It is concluded that all the treatment developed is of great importance for archiving and memory of the journalistic productions as well as the re-use of the information.

Keywords: Audiovisual Document. Documentation Center. Organization Jaime Câmara. Technical Processing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem de Alexander Bain e do telégrafo de Bain.....	16
Figura 2 - Demonstração do funcionamento do Disco de Nipkow.....	17
Figura 3 - Demonstração de funcionamento do Disco de Nipkow.....	17
Figura 4 - Câmera RCA TK-30 usada na inauguração da TV Tupi	19
Figura 5 - Lista de suportes de armazenamentos de imagens.....	21
Figura 6 - Quadruplex portátil.....	22

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Método de indexação de imagens resumido.....	31
Quadro 2 - Método de indexação de imagens detalhado.....	32
Quadro 3 - Vantagens e desvantagens do uso do sistema digital em um centro de documentação	35
Quadro 4 - Lista dos Jornais e telejornais atendidos.....	40
Quadro 5 - Fluxograma do processo de chegada do arquivo ao CEDOC.....	43
Quadro 6 - Fluxograma de processamento técnico.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BD	Blu-ray
CEDOC	Centro de Documentação
DVcam	Vídeo Digital
DVC	Divisão de Vigilância e Captura
DVD	Digital Vídeo Disc
FAX	Fac-símile
PDF	Portable Document Format (Formato Portátil de Documento)
RCA	Radio Corporation of America
TV	Televisão
VHS	Velocidade de hemossedimentação
VT	Video Type

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	O DOCUMENTO AUDIOVISUAL	13
2.2	TELEVISÃO	16
2.3	A TELEVISÃO NO BRASIL	18
2.4	VIDEOTEIPE	20
2.5	U-MATIC E BETACAM.....	22
2.6	DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL EM EMISSORAS DE TV	23
2.7	SELEÇÃO DOCUMENTAL	24
2.8	CATALOGAÇÃO	25
2.9	ANÁLISE DOCUMENTAL	27
2.10	INDEXAÇÃO	29
2.11	CONSERVAÇÃO	32
2.12	ARQUIVOS E TV	34
3	METODOLOGIA	36
3.1	DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	36
3.1.1	Centro de Documentação do Grupo Jaime Câmara	36
3.2	TÉCNICA DE COLETA	39
3.3	ETAPAS DA PESQUISA	39
3.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	39
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	40
4.1	RECURSOS HUMANOS.....	40
4.2	SERVIÇOS OFERECIDOS	40
4.3	ACERVO	40
4.4	PROCESSAMENTO TÉCNICO	42
4.5	PRESERVAÇÃO DO ACERVO.....	45
4.6	USUÁRIOS.....	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	52

1 INTRODUÇÃO

O documento audiovisual tem uma importância inestimável para a história sendo talvez a fonte de informação mais completa por reunir a imagem e o som em um só. Mesmo possuindo inúmeras qualidades o mesmo não é amplamente valorizado como instrumento de pesquisa tendo sua conservação não garantida por grandes instituições responsáveis por esse tipo de documento. Até mesmo na área da pesquisa científica existem poucos estudos que abordam o assunto, fator que auxilia o desconhecimento.

A escolha do tema foi feita pelo fato do documento audiovisual possuir uma grande importância informacional, mas não ter tantas técnicas desenvolvidas para seu tratamento técnico, o que faz os profissionais da área desenvolverem suas próprias técnicas. Com isso, surgiu a questão problema e o objetivo que foi pesquisar como esses profissionais desenvolviam suas técnicas de processamento técnico sem ter muitas referências científicas no assunto. O estudo da descrição do processamento técnico de CEDOCs (centro de documentação) em emissoras de TV é mínimo o que torna esta pesquisa inédita.

Houve dificuldade na escolha do local de pesquisa pelo fato de haver poucos centros de documentação na cidade de Goiânia. O primeiro centro de documentação escolhido havia sido desativado e teve seu acervo enviado a outra instituição, o segundo, o Centro de Documentação das Organizações Jaime Câmara, se encontrava em funcionamento e oferecia uma base favorável para a pesquisa.

A metodologia adotada foi estudo de caso no qual foi elaborada uma lista de perguntas para uma entrevista dirigida feita com a bibliotecária Ana Márcia responsável pelo centro de documentação, no qual a mesma descreve os processos realizados e suas particularidades. A entrevista foi gravada em áudio e transcrita para a presente pesquisa. Foi observado o tipo de processamento técnico utilizado, de que modo em que era preservado o acervo e o tipo de público atendido.

Esta pesquisa coincide com o aniversário de trinta anos da inauguração do Centro de Documentação do Grupo Jaime Câmara e tem o objetivo de contribuir para o mesmo como também a todos os outros CEDOCs que se dedicam a preservação do conhecimento através do documento audiovisual. Também visa contribuir com essa área tão pouco estudada da Biblioteconomia visando ajudar

profissionais que possuem tão poucas referências como também aos pesquisadores que se interessam pelo tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Apresenta-se a seguir os conceitos sobre a definição do documento audiovisual, história da televisão e as definições dos conceitos das técnicas adotadas para o processamento técnico.

2.1 O DOCUMENTO AUDIOVISUAL

Para Miranda (2010) a palavra 'audiovisual' vem do latim onde 'áudio' significa escutar e 'visual' 'ver'. A forma atual da palavra audiovisual vem dos Estados Unidos, país pioneiro nos estudos de imagem e som. Com a chegada da TV no Brasil nos anos 50 a palavra também ganhou outras variantes. Miranda (2010) comenta que foram acrescentados outros sinônimos a palavra como: multimeios, recursos audiovisuais, materiais não impressos, materiais especiais, não gráficos, materiais não bibliográficos e mídia. Devido a grande variedade de sinônimos que este material possui há uma grande dificuldade para defini-lo.

Dieuzeide (1965 apud ARAUJO, 1992, p. 36) conceitua os audiovisuais,

como os meios mecânicos ou eletrônicos de registro, reprodução e difusão de mensagens sonoras ou visuais utilizados, separada ou coadjuvante, para representar conhecimentos, facilitar sua aquisição ou modificar determinados comportamentos.

Os meios audiovisuais facilitam a apreensão da informação por meio da utilização simultânea dos sentidos humanos.

Para Alfonso Rubio (2003, p. 216),

O documento audiovisual, como documento científico participa consequentemente das mesmas notas de informação e fonte informativa e se integra igualmente no processo informativo-documental: emissor (bibliotecário audiovisual), canal ou meio de transmissão (suporte audiovisual), mensagem (documento audiovisual), receptor ou usuário da mensagem (documento audiovisual).

Apesar dos documentos audiovisuais serem fontes ricas de informação apresentam a necessidade do suporte eletrônico para a sua leitura.

Segundo Hidalgo Goyanes (2005 apud MIRANDA, 2010, p. 15),

os documentos audiovisuais são 'opacos', pois, seu conteúdo não é legível ou acessível de forma direta, sendo que é necessária a utilização de aparatos de leitura, o que os converte em 'dependentes' de meios técnicos.

Segundo Buarque (2008) há sempre um dispositivo que cumpre o papel de intermediário entre o suporte e o espectador, essa particularidade mostra uma série de desafios que deverão ser enfrentados para que o mesmo seja preservado, pois não é apenas o documento audiovisual que deverá ser conservado, mas também os dispositivos tecnológicos responsáveis por sua leitura.

É preciso que o bibliotecário ou arquivista também se encarregue da preservação do material tecnológico de leitura dos documentos audiovisuais, pois enfrentará problemas para fazer a leitura dos documentos já que muitos desses suportes deixaram de existir no mercado.

Segundo Buarque (2008, p. 2):

Adquirir um gravador de rolo de características profissionais não é das tarefas mais fáceis, assim como são cada vez mais raros os técnicos gabaritados para fazer a manutenção e revisão nos equipamentos analógicos. E se os equipamentos vêm desaparecendo das prateleiras, conseqüentemente as suas peças de reposição também não são facilmente encontrados. Portanto, diante dessa crescente obsolescência dos equipamentos analógicos, é dever das instituições de guarda manter, junto a seu corpo de profissionais, técnicos que detenham conhecimentos não só do universo digital, mas que saibam também operar com desenvoltura os equipamentos analógicos. O desafio não é apenas de manter as máquinas, mas também todo o conhecimento humano que as cercam.

Um importante exemplo são os videoteipes abandonados no prédio da extinta TV Tupi a mais de 40 anos e que foram resgatados pelo Arquivo Nacional, a instituição não possui o equipamento chamado quadruplex, que é a máquina responsável pela leitura dos videoteipes, como consequência as fitas até hoje não foram lidas e não passaram por tratamento técnico ficando guardadas na instituição¹.

Na maioria das unidades este tipo de documento não é tratado por sua complexidade na descrição, armazenamento e preservação.

Para Smit (1993, p. 1),

Os documentos audiovisuais não são vistos, em regra geral, enquanto documentos que, caso devam ser organizados para posterior utilização, demandam os conhecimentos de uma categoria profissional específica. A organização do documento audiovisual constitui, de fato, um *man's land* profissional, no qual várias profissões estão envolvidas, frequentemente até por razões fortuitas, uma vez que os documentos audiovisuais podem iniciar sua trajetória como suporte ou sub-rotina de outra atividade que, esta sim, traz um nome definido (biblioteca, centro de documentação, museu, arquivo).

¹GUGU abre o arquivo secreto de Flávio Cavalcanti. Produção Programa do Gugu. São Paulo: TV Record, 2016. YouTube (20 min), son. color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oyw617SH110>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

Encontram-se muitos obstáculos no tratamento dos audiovisuais e um dos principais é o pouco número de profissionais treinados para lidar com esse tipo de material. Isso faz com que em muitos centros de documentação esses materiais fiquem esperando por anos para serem tratados.

Um centro de documentação surge de documentos que, guardados por muitos anos, começam a ganhar valor chamando a atenção da empresa ou unidade a qual pertencem para a necessidade de seu tratamento técnico. Segundo Smit (1993) os mesmos acabam ganhando valor como o passar do tempo e a descrição desses documentos acaba se tornando uma sub-rotina da atividade geral do arquivo.

Pelo fato desses documentos serem, na maioria das vezes, valiosos para a história é preciso que tenham um tratamento técnico adequado para que possam durar por muitos anos servindo aqueles que precisam dessas informações. O documento audiovisual tem uma influência importantíssima no motivo pelo qual vemos televisão. Segundo Rayo (2007, p. 18, tradução nossa) o motivo pelo qual assistimos televisão “é fato da mesma nos proporcionar informação e entretenimento, e a forte relação que a televisão tem com a informação a transforma em uma testemunha da história”.

Devido à onipresença que a TV adquiriu nas últimas décadas desde sua criação temos, nos centros de documentação das emissoras, milhares de registros históricos. Segundo Rayo (2007) o fato de estar presente nos maiores acontecimentos da história como também por permitir a conservação do material audiovisual através do tempo transformaram a televisão em uma fonte inestimável de informação para os historiadores.

Mesmo possuindo um valor inestimável para a história não há legislação que obrigue que esse material seja conservado.

Para Rayo (2007, p.19, tradução nossa):

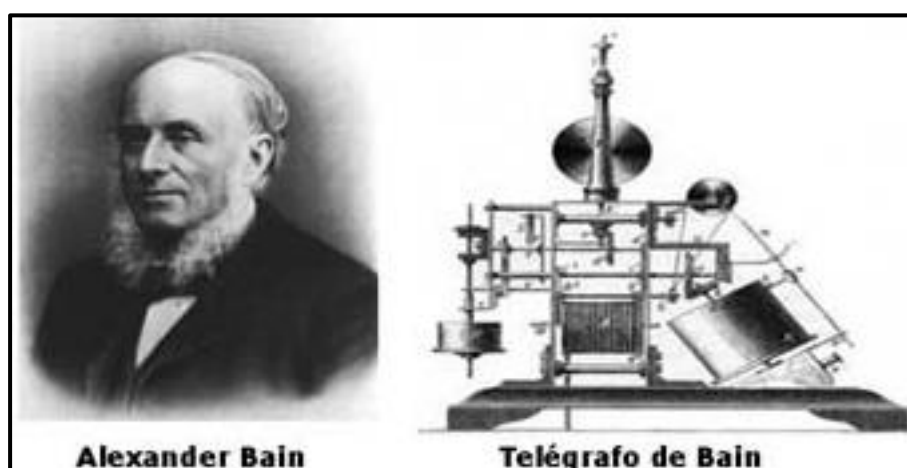
A inexistência de legislação para a conservação do material de televisão foi e é uma das principais causas de seu desaparecimento. Esta ausência de legislação implica que a decisão de conservar o material caia exclusivamente na empresa televisiva, que é, ao mesmo tempo, produtora e proprietária do material. Uma circunstância que explica em grande medida a dependência dos fatores econômicos (exploração e rentabilidade) que apresenta a conservação do material televisivo, sendo que, por fim, as televisões são empresas (incluindo a televisão pública) e como tal se comportam.

O documento audiovisual por muito tempo não foi algo que as emissoras deram atenção, por conta disso, hoje em dia é fácil encontrar inúmeros registros perdidos. Esse tipo de documento está cada vez mais sendo valorizado com o avanço da tecnologia e espera-se que no futuro junto dele o tratamento documental também seja levado em conta para que informações valiosas não sejam perdidas.

2.2 TELEVISÃO

A tecnologia de transmissão de imagens a longa distância tem seu início no XIX com o cientista Alexander Bain. Segundo Miranda (2010) Bain obteve a transmissão telegráfica de uma imagem (*fac-símile*) atualmente conhecida como fax, conforme a figura 1.

Figura 1 - Imagem de Alexander Bain e do telégrafo de Bain



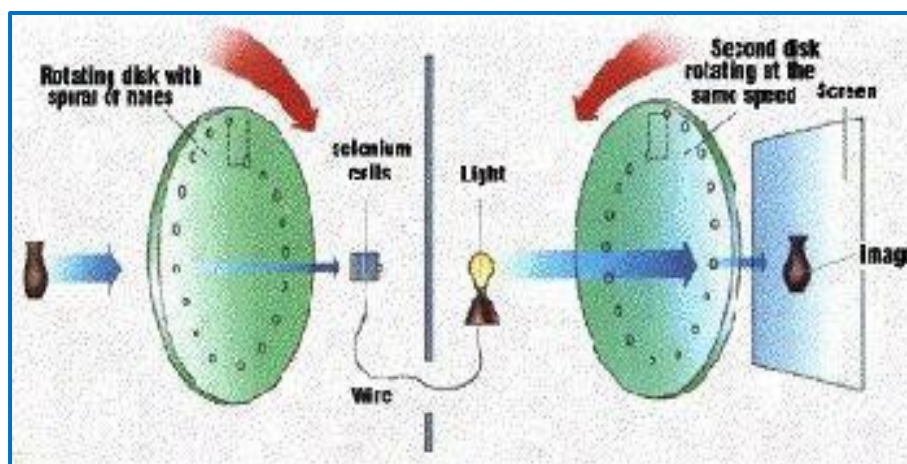
Fonte: JF Hyppólito².

Já Willoughby Smith descobriu que o selênio poderia transformar a energia luminosa em energia elétrica resultando na base da tecnologia da televisão. Segundo Miranda (2010) em 1817, o químico sueco Jons Jacob Berzelius descobriu o selênio. Mas só 56 anos depois, em 1873, é que o inglês Willoughby Smith comprovou que o selênio possuía a propriedade de transformar energia luminosa em energia elétrica. Através dessa descoberta conseguiu-se realizar a transmissão de imagens por meio de corrente elétrica.

² HYPÓLITO, J. f. A televisão e seus inventores. **Blog do JF**, 2017. Disponível em: <<https://oblogdojf.blogspot.com.br/2017/02/a-televisao-e-seus-inventores.html>>. Acesso em: 02 out 2017.

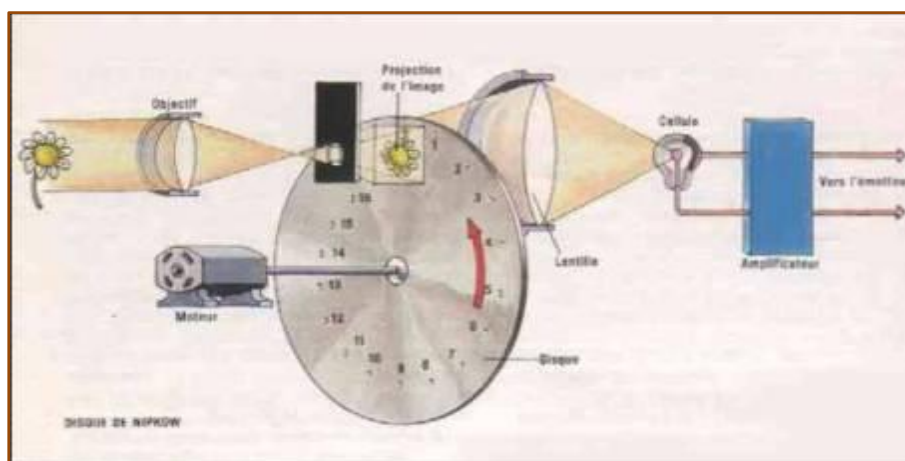
Ainda segundo Miranda (2010, p. 20) em 1884, “Paul Nipkow inventou um disco com orifícios em espiral, tendo a mesma distância entre si, conhecido como o ‘disco de Nipkow’”, que dividia um objeto e o transformava em imagem. Conforme a figura 2 e 3.

Figura 2 - Demonstração do funcionamento do Disco de Nipkow



Fonte: Museu de informática (2017)³.

Figura 3 - Demonstração de funcionamento do Disco de Nipkow na filmagem de uma flor



Fonte: La evolución de la television (2013)⁴.

Miranda (2010) diz que em 1892 Julius Elster e Hans Getiel inventaram a célula fotoelétrica e em 1906 Arbwehneilt desenvolveu um sistema de televisão por raios catódico, desenvolvido ao mesmo tempo por Boris Rosing na Rússia. Em 1929

³MUSEU virtual da informática. De 1820 a 1898. Disponível em: <<http://piano.dsi.uminho.pt/museuv/1820tv.html>>. Acesso em: 02 out. 2017.

⁴PAULAm 99. La evolución de La television. **Line**, 2013. Disponível em:< <https://line.do/es/la-evolucion-de-la-television/1em6/vertical>>. Acesso em: 02 out. 2017.

foi feita a primeira transmissão televisiva da história direto dos estúdios da BBC de Londres que aceitaram de forma relutante a proposta feita por John Logie Baird.

Segundo Briggs e Burke (2004 apud BALAN, 2012, p. 1) uma data merece ser lembrada:

é o dia 30 de setembro de 1929, quando Baird, depois de infindáveis negociações com uma relutante BBC, obteve permissão para lançar um serviço experimental de televisão. O presidente do Conselho Britânico de Comércio, dando sua bênção, disse aos espectadores (ainda não descritos assim) que esperava ansiosamente que 'esta nova ciência aplicada estimulasse e criasse uma nova indústria, não somente para a Grã-Bretanha e para o Império Britânico, mas para o mundo todo.

Em 1929 essa transmissão foi feita de forma experimental, apenas a partir de 1931 as transmissões se tornaram regulares. Depois dos anos de 1930 a televisão se espalhou pelo mundo chegando ao Brasil através de Assis Chateaubriand o fundador da TV Tupi, a primeira emissora de TV do Brasil.

2.3 A TELEVISÃO NO BRASIL

Segundo Balan (2012) Assis Chateaubriand dono dos "Diários Associados" iniciou as transmissões da TV Tupi em 1950. Na época não existiam formas de como registrar imagens televisivas sendo que tudo era produzido ao vivo.

A programação na época contava com programas, filmes e telejornais ao vivo sendo iniciada a tarde e terminando às uma da madrugada. Segundo Balan (2012) câmeras de TV eram usadas para os programas jornalísticos, programa de variedades ao vivo e para a transmissão dos filmes era usado o Telecine.

De acordo com Balan (2012) o Telecine era um aparelho composto por dois projetores de filme de 16 mm, projetor de slide e uma câmera de TV de alta qualidade. O Telecine também transmitia comerciais gravados usando a função de slide, quando havia a possibilidade do comercial ser feito ao vivo um slide era exibido na tela enquanto um locutor de plantão narrava.

A câmera RCA TK-30 (vide figura 4) foi uma das primeiras câmeras da TV Tupi e foi utilizada na inauguração da emissora em 18 de setembro de 1950.

Figura 4 - Câmera RCA TK-30 usada na inauguração da TV Tupi em 18 de setembro de 1950



Fonte: UFT (2017)⁵.

O telejornalismo na época era uma tarefa difícil devido à falta de mobilidade que o equipamento possuía tendo que contar com a ajuda de caminhões para o transporte do mesmo para as imagens de rua. Balan (2012) explica que o uso das câmeras portáteis conhecidas como “mudinhas” facilitaram a captação de imagens para os telejornais. A utilização dessas câmeras enriqueceram os noticiários, pois até então as notícias eram dadas através de notas e a reportagem era ilustrada com de imagens estáticas.

Segundo Balan (2012, p. 3) com o avanço na:

indústria da película cinematográfica, surgiu o recurso sonoro. As novas câmeras passaram a permitir captar o áudio na própria película, ou com o recurso da tarja magnética ou com o recurso do registro sonoro ótico. Quem ganhou muito na produção do conteúdo foi o telejornalismo. A partir de então, o cinegrafista saía a campo com duas filmadoras: a “mudinha” e a “sonora”, não mais com a máquina fotográfica carregada com slides.

A técnica da época para o uso dessas câmeras era a de que as imagens ilustrativas eram gravadas com a “mudinha” e as entrevistas captadas com a câmera sonora.

Segundo Balan (2012, p. 3) no estúdio:

as imagens eram montadas em filme, numa sequência narrativa visual que seriam exibidas enquanto o locutor em estúdio narrava os fatos, operação conhecida como “nota coberta”. O filme sonoro, com os depoimentos, era

⁵SANTOS, Daniel dos. **Exposição no Câmpus de Palmas conta a história da televisão no Brasil**. Palmas: UFT, 2017. Disponível em: <<http://ww1.uft.edu.br/index.php/noticias0/20228-exposicao-no-campus-de-palmas-conta-a-historia-da-televisao-no-brasil>>. Acesso em: 17 out 2017.

montado em outra sequência, ou em outro “rolinho de filme”, como se dizia, com o trecho desejado da entrevista.

Na exibição do telejornal o apresentador lia a nota enquanto as imagens mudas eram exibidas, quando se terminava a leitura da nota dava-se início às entrevistas sonoras. Esses vídeos eram todos exibidos através do Telecine.

2.4 VIDEOTEIPE

A história do videoteipe se inicia com a empresa RCA que fabricava equipamentos para rádio no início do século XX. Balan (2012) explica que a RCA trabalhava com gravação em áudio com fitas magnéticas e em 1950 recebeu o projeto de um equipamento de gravação de vídeo em fitas magnéticas. A empresa não aceitou o projeto por acreditar que as películas já eram o suporte ideal para esse tipo de operação.

O projeto foi levado a outra empresa chamada Ampeex, que também trabalhava com gravação de áudio em fitas magnéticas, e a empresa acabou aceitando o projeto.

Balan (2012, p. 2) diz que:

A primeira tecnologia utilizava fitas de duas polegadas de largura devido a banda necessária para armazenamento do vídeo. A forma como as quatro cabeças de vídeo faziam a varredura para gravar e reproduzir deu o nome ao formato: quadplex. A fita pesava em torno de oito quilos e permitia até uma hora de gravação.

Com o surgimento do Videoteipe, também chamado de VT, se obteve maiores opções de edição de imagens e também a opção de armazenamento das mesmas. Para Balan (2012) a carga de exibição passou para o videoteipe enquanto que o Telecine passou a ser usado apenas para exibição de filmes. Ainda segundo Balan (2012) toda a programação e comerciais passaram a ser exibidos em videoteipe ou exibidores digitais. O telecine foi melhorado hoje possuindo correção de cor e luz com mais de definição e melhor contraste, sendo amplamente requisitado por empresas de propaganda.

O VT aprimorou o processo de produção de conteúdos devido a possibilidades que antes não existiam com aparelhos como o telecine. Balan (2012) explica que o videoteipe deu a possibilidade de verificar as cenas logo após a

gravação, editar eletronicamente agilizou a produção. A figura 5 mostra a evolução dos suportes de armazenamento de imagens até os dias atuais.

Figura 5 - Lista de suportes de armazenamentos de imagens até a era digital

Ano	Analógico	Digital
1956	Quadruplex com fita de 2 polegadas	
1965	Videotape Tipo A com fita de uma polegada	
1969	U-Matic – com fita de ¾ de polegada acondicionado em um estojo	
1972	Video Cassette Recording (aka VCR)	
1975	Betamax – para uso doméstico	
1975	IVC – com cabeça de varredura helicoidal, com fita de 2 polegadas	
1976	Videotape tipo C, com cabeça de varredura helicoidal, com fita de uma polegada	
1976	VHS com fita de ½ polegada para uso doméstico	
1980	Video 2000	
1982	VHS-C – para uso doméstico com fita de ½ polegada, em estojo de tamanho compacto	
1982	Betacam com fita de ½ polegada com nova tecnologia de gravação resultado em até 500 pixels por linha na formação da imagem	
1985	Video8 – para uso doméstico	
1986	MII	D1
1987	S-VHS	
1988		D2
1989	Hi8	
1987	S-VHS-C	
1991		D3
1993		Digital Betacam
1994	W-VHS	D5
1995		DV
1995		DVCPRO
1996		DVCAM
1997		HDCAM
1998		DVCPRO50
1998		D-VHS
1999		Digital8
2000		DVCPRO HD
2001		MicroMV
2003		HDV
2003		HDCAM SR
2005		XDCAM

Fonte: Balan (2012).

A figura 5 um exemplo da evolução tecnológica que acompanha o áudio visual. O profissional deve reconhecer a particularidade de cada suporte para poder preservá-lo e tratar cada um com eficiência, pois se tratando de um centro de documentação é possível encontrar todos os suportes listados acima.

Apesar do avanço que a TV teve com a chegada do videoteipe o telejornalismo ainda possuía dificuldades para fazer imagens externas devido o fato de o equipamento continuar sendo difícil de ser carregado. Segundo Balan (2012) os

primeiros VTs eram pesados e não ofereciam mobilidade para gravações externas, mesmo com o surgimento do Quadruplex portátil (conforme a figura 6). O fato de possuir baterias pesadas e com pouco tempo de duração restringiu o uso desse equipamento apenas para produções internas aos estúdios. “A partir de 1965 surgiu o VT com fita de uma polegada, porém também era um equipamento de grande porte, para uso em estúdio” (BALAN, 2012, p.7).

Figura 6 - Quadruplex portátil



Fonte: Balan (2012).

2.5 U-MATIC E BETACAM

Em 1969 a empresa japonesa Sony lança o sistema U-Matic uma tecnologia que traz inúmeros benefícios para o telejornalismo. Segundo Balan (2012) o U-Matic eram fitas mais estreitas de 3/4 polegadas acondicionadas em estojos (cassete) que eram ágeis para serem manuseadas. O U-Matic foi o sucessor do VT, pois, além do bom manuseio proporcionava uma melhor edição do conteúdo gravado e suas ilhas de edição eram bem menores, mas o VT continuou persistindo em produções de entretenimento e na exibição de comerciais pelo fato de ter qualidade melhor que a do U-Matic.

O Betacam surgiu em 1982 também lançado pela Sony se tornando o sucessor definitivo do U-matic e do videotaípe. Segundo Balan (2012) o sistema Betacam utiliza fitas de 1/2 polegada com qualidade próxima do quadruplex oferecendo maior agilidade, portabilidade e baixo custo. O Betacam digital foi lançado em 1993.

Surgiram outros formatos até a atualidade. Para Balan (2012, p.2) atualmente os formatos são DVcam, XDCAM, DVD, Blu-ray e cartões smart que dispensam o uso do DVD.

2.6 DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL EM EMISSORAS DE TV

O centro de documentação de uma emissora de TV é responsável pela guarda de toda informação produzida, sendo peça-chave na elaboração da programação da mesma. Segundo Rayo (2007) a missão do centro de documentação é dupla. “Por um lado responsável pela criação e a manutenção do arquivo e por outro deve colaborar com a elaboração da programação da emissora”. Por isso a resposta dada aos usuários deve ser rápida e eficiente para que a emissora esteja sempre à frente. Um centro de documentação pode possuir apenas um tipo de arquivo ou vários sendo eles audiovisuais, sonoros e gráficos.

Segundo Rayo (2007, p. 24, tradução nossa):

A informação que o centro de documentação deve facilitar é, por tanto, muito variada, já que não se limita ao material audiovisual, mas que também envolve outros tipos de materiais, como os impressos, os sonoros e os gráficos. Esta diversidade de fontes determina a estrutura dos centros de documentação de televisão, em que, normalmente se podem distinguir as seguintes áreas: audiovisual, escrita, gráfica, e sonora.

Existem seis fases desde que o documento fica disponível para centro de documentação. Segundo Rayo (2007, p. 25) “elas são o registro, seleção, análise documental, recuperação da informação, empréstimo e conservação”. Todas estas etapas devem ser muito bem executadas, pois qualquer erro pode resultar em uma grande demora no processo de recuperação ou na perda definitiva do item.

Os documentos de um arquivo de TV possuem múltiplos tipos de informação e estas devem ser representadas com fidelidade para que posteriormente sejam recuperadas com rapidez para suprir as necessidades do usuário.

Para Santos (2013, p. 3) os acervos de mídia:

não convencionais, como os arquivos de TV, têm em seu bojo informações múltiplas acerca dos conteúdos abordados nas suas apresentações e reportagens, que vão desde o áudio, que funciona como uma espécie de narração dos fatos, ao que é mostrado nas imagens em movimento, nas quais essas informações são carregadas de significados que não podem fugir àqueles que delas necessitam. Nesse ensejo, os usuários desse tipo de informação requerem esse material com a maior fidedignidade e rapidez possíveis. Sendo assim, as atividades desenvolvidas nesse tipo de arquivo

resumem-se, basicamente, ao registro das mídias, descrição, classificação, indexação e avaliação do conteúdo informacional.

Os profissionais catalogam estes documentos adicionando assunto, sinopse ou resumo, notas remissivas, minutagem e o nome dos envolvidos na filmagem. Segundo Santos (2013) o centro atende, além dos repórteres, cinegrafistas e apresentadores, o público externo que foi protagonista em alguma gravação, este acaba sendo o ciclo informacional de uma emissora de TV. Sendo um ambiente tão dinâmico o bibliotecário deve estar atento as necessidades dos usuários tendo conhecimento também dos inúmeros suportes armazenamento de imagens que podem elevar em dobro a resposta na busca pela informação. Santos (2013) afirma que se faz necessário que o profissional pense o século XXI como uma era de organização do conteúdo informacional e que já não se limita apenas aos acervos físicos, mas aos digitais. Esse é um ambiente presente na atualidade já que inúmeros centros já não trabalham mais com um acervo físico, mas com um acervo totalmente restaurado e digitalizado.

A verdade é que essa descrição já tem sido a realidade de muitas emissoras de TV, as quais têm substituído, gradativamente, o suporte físico pelo digital, o que gera uma maior precisão e rapidez na disponibilização de imagens aos usuários do setor Arquivo. Como exemplo, temos as imagens já arquivadas em HD, o que propicia uma maior qualidade de imagem e acesso em rede (SANTOS, 2013, p. 4).

Com um fluxo informacional gigantesco é imprescindível para um centro de documentação o uso da tecnologia como aliada, pois, ela é uma peça fundamental na qualidade e rapidez na recuperação de informações para um lugar que exige muito da precisão como uma emissora de TV. Uma das primeiras etapas para o tratamento do audiovisual é a seleção documental que precisa estar de acordo com a política de processamento técnico elaboradas pelo CEDOC e a empresa.

2.7 SELEÇÃO DOCUMENTAL

A seleção é a fase em que se avalia o nível de importância de um documento para o centro de documentação e a empresa que o possui para que o mesmo possa ser conservado.

Seleção documental segundo Rayo (2007, p. 80, tradução nossa):

Procedimento regulado de avaliação do material, de preferência original pelo documentalista, em função dos parâmetros estabelecidos e de sua adequação a os objetivos e necessidades que a empresa opta por sua conservação.

Para se selecionar um tipo de material no centro de documentação é preciso estar por dentro das políticas adotadas pela instituição. Rayo (2007) afirma que teria pouca validade selecionar sem ter em conta as necessidades e os objetivos da empresa.

Segundo Hidalgo Goyanes (2005 apud MIRANDA, 2010) esta seleção é uma tarefa importante que deve ser precedida pela existência de uma política clara a respeito da entidade ou organismo em que se encontra o serviço de documentação.

Rayo (2007, p. 80, tradução nossa) apresenta as características a ser seguida para se fazer uma boa seleção documental.

- a seleção deve ser um procedimento regulado.
- é preciso avaliar o material
- avaliação do material deve se realizar em função de parâmetros; previamente estabelecidos.
- deve se adequar às necessidades e objetivos da empresa.
- deve se realizar, de preferência, em materiais originais.
- deve ser realizada por documentalistas.

O profissional não deve armazenar qualquer documento sem fazer a devida avaliação do mesmo, pois, resultará em gastos com armazenamento e não será procurado pelo usuário. É preciso uma política de seleção para que seja feita de forma correta e eficiente.

2.8 CATALOGAÇÃO

Segundo Mey e Silveira (2009) o catálogo é um dos instrumentos mais antigos das bibliotecas sua palavra tem origem do grego 'kata' e o sufixo 'logos' podendo significar 'subjacente à razão' ou 'de acordo com a razão'. Catalogação é

um dos pontos vitais de uma unidade de informação, pois não há recuperação da informação sem o seu devido registro nos catálogos tanto físicos como virtuais.

Catálogo segundo Mey e Silveira (2009, p. 7) é:

O estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos de forma a permitir a intersecção entre as mensagens contidas nestes registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários.

Catalogar é reunir um conjunto de informações para representar através de palavras ou códigos uma área do conhecimento. Existem os catálogos físicos compostos por fichas contendo as informações dos documentos e os automatizados que são completamente virtuais conectados em rede.

“Os pontos de acesso usados na descrição do audiovisual são os mesmos de um catálogo de livros de uma biblioteca com dados como título, autor, ano de produção e para descrição do conteúdo são usados são usados resumos ou índices” (BENEDITO, 2011 apud SANTOS, 2016, p. 17).

Por ser um documento diferente do livro impresso o audiovisual precisa de um tratamento diferenciado e complexo para descrevê-lo em sua totalidade, algo que a descrição comum de um livro não consegue cobrir. “A catalogação dos documentos audiovisuais se dá por número de registro, código de identificação, título, número do programa e data, que define o local de guarda do documento” (SANTOS, 2016, p.18).

Segundo Santos (2013, p. 3)

Classificar as reportagens ou os programas por assunto, por exemplo, significa atribuir retrancas a cada um deles, o que também leva à elaboração de sinopse, ou resumo, e de notas remissivas, complementando a descrição detalhada da informação. A catalogação dos documentos audiovisuais se dá, na maioria das vezes, por meio de números de registro, códigos de identificação, título e número dos programas, além de suas respectivas datas de exibição, que definem o local de guarda dos documentos em seu espaço físico, ou digital, correspondente [...].

Existe uma grande variedade de informações a ser considerada que faz que o registro audiovisual seja tão complexo. Um tipo de análise documental é a decupagem, que é um tipo de análise minuciosa do documento audiovisual, ela permite a localização exata da imagem pesquisada.

Segundo Santos (2013, p. 5):

A *decupagem* consiste numa descrição detalhada das ações apresentadas nas imagens audiovisuais. É a descrição dos movimentos dos personagens envolvidos nas ações, situações e/ou eventos, dos pormenores de cada lugar onde as ações acontecem dos diálogos entre os envolvidos, do texto ou narrativa apresentada na imagem, dos efeitos inseridos na edição de imagem, da forma como a imagem se apresenta para o usuário/cliente, dentre outros elementos relevantes para a recuperação do conteúdo informacional.

A decupagem é uma análise que consegue descrever o documento como um todo, sendo eficiente em não deixar que qualquer informação seja esquecida durante o registro. Devido a exaustividade de termos se torna mais fácil e rápida a recuperação da imagem desejada.

O profissional deve ter um certo conhecimento tácito para identificar as peculiaridades que podem aparecer em um documento audiovisual. Uma rua cujo nome não é mencionado, por exemplo, pode ser identificada se pelo profissional através de seu conhecimento tácito, outro exemplo são os vídeos históricos sem data aos quais pode ser atribuído um ano aproximado através da análise de algumas características como o ambiente em que foi gravado o vídeo ou a roupas das pessoas filmadas.

Segundo Santos (2013, p. 5):

O conhecimento de mundo, principalmente de lugares e de personalidades, também ajuda bastante no trabalho de decupagem. [...] Atentar para fachadas de prédios, vista panorâmica dos lugares, movimentos de câmera, interior dos ambientes, partidas esportivas, cobertura de eventos, fala e movimento dos entrevistados, dentre outros detalhes, constitui-se um importante aliado no processo de decupagem das imagens (SANTOS, 2013, p. 5).

Segundo Santos (2013) pode ser adotado um vocabulário controlado para a padronização dos termos, mas não se deve esquecer que a linguagem natural será usada pelos usuários, o profissional deve usar a linguagem controlada apenas como um norteador tendo em vista que ela deve se relacionar com a linguagem dos usuários.

2.9 ANÁLISE DOCUMENTAL

O homem desde o início dos tempos é um explorador do meio em que vive, por conta disso descobriu que poderia registrar seus feitos. Segundo Dias e Naves

(2007) o homem desenvolveu a capacidade de elaborar registros documentais motivados pelo reconhecimento da importância que esses documentos poderiam ter no futuro para outras pessoas. A partir do primeiro registro documental o número de informações aumentou de modo que a disponibilização dessas informações de forma acessível ao usuário tem sido um grande desafio.

Comumente o usuário se depara com problemas informacionais relacionado à exatidão de buscas feitas. Segundo Dias e Naves (2007) o interessado estará às voltas com o problema de saber o que existe publicado e escolher naquele mundo de informações o que pode ser de seu interesse. É nesse momento de caos informacional que a análise documental se faz presente como sendo um dos primeiros passos para o tratamento técnico do documento.

Dentre os principais processos de análise estão a descrição física e temática do documento. Segundo Dias e Naves (2007) a elaboração da descrição física de um documento corresponde a um exame com objetivo de identificar certos elementos que poderão identifica-lo. Existem casos em que os elementos identificadores são fáceis de serem identificados e outros em que há bastante dificuldade na identificação tendo que se recorrer a pesquisas para recuperar a informação perdida.

Segundo Dias e Naves (2007) a descrição temática acontece por meio de uma análise técnica com o objetivo de identificar o assunto contido no documento. Diferente do livro no qual é usada leitura técnica o audiovisual utiliza a técnica chamada decupagem que analisa minuciosamente cada cena de um vídeo.

Segundo Rayo (2007) análise documental procura descrever da maneira mais exata possível o conteúdo audiovisual do material para poder recupera-lo futuramente. É uma etapa que deve ser feita com muito cuidado, pois, uma análise errada do documento pode ocasionar na sua perda permanente.

Rayo (2007, p. 81) destaca os elementos que devem constar em uma análise documental audiovisual são:

- código de tempo;
- tipo de plano;
- qualidade do suporte;
- incidência angular;
- efeitos de iluminação;
- movimentos de câmara;

- efeitos ópticos (zoom);
- efeitos especiais;
- duração das cenas;
- dados técnicos e de suporte.

Dependendo da necessidade da descrição outros elementos podem entrar na análise.

Segundo Miranda (2010, p. 27):

Outros elementos podem ser acrescentados quando necessários tais como a cor da imagem, iluminação, movimentos da câmera, efeitos óticos, dentre outros, complementam a análise, mas não precisam necessariamente ser acrescentados, variando de centro de documentação para centro de documentação.

A exaustividade na descrição do documento depende muito do nível de utilização do documento, se é bastante utilizado, uma análise minuciosa das características do documento pode ser interessante.

Segundo Conesa (2005 apud RAYO, 2007, p. 57, tradução nossa):

nem todos os materiais se analisam com o mesmo grau de exaustividade documental. As diferenças no nível de análise vêm marcadas fundamentalmente pelas possibilidades de reutilização do material.

2.10 INDEXAÇÃO

Segundo Pericão (2008 apud Santos, 2011) a indexação é a operação que consiste em recuperar, selecionar e exprimir – por meio de termos pertencentes a uma ou várias linguagens documentárias – as informações contidas nos documentos. Esses termos são os responsáveis pela eficiência e rapidez de uma busca em uma base de dados. Para Lancaster (2004) existem duas etapas principais na indexação, a primeira seria a análise conceitual e a segunda a tradução. Para o autor a análise conceitual visa descobrir do que se trata o documento e a tradução é o momento em que são atribuídos os termos que irão descrever o documento.

A indexação deve ser voltada os usuários e são as necessidades que eles possuem que definiram as regras usadas nesse momento. Lancaster (2004) define que uma indexação de assuntos eficiente implica que se tome uma decisão não

somente quanto ao que é tratado num documento, mas também relacionado ao interesse dos usuários.

Os usuários dificilmente usaram uma linguagem controlada para fazerem suas buscas, eles usaram sua própria linguagem para encontrar o que desejam.

Lancaster (2004, p. 9) destaca quais são as perguntas que um indexador deve formular sobre um documento:

- De que trata?
- Por que foi incorporado a nosso acervo?
- Quais de seus aspectos serão de interesse para nossos usuários?

Formulando estas perguntas o profissional poderá atender tanto as regras de indexação do centro de documentação como também aos interesses dos usuários. Segundo Dias e Naves (2013) para o tratamento da informação existem alguns instrumentos usados, tanto para o tratamento descritivo quanto para o temático. No descritivo são usados códigos de catalogação e para o temático usam-se as linguagens de indexação. São três os tipos de vocabulários controlados: “esquemas de classificação bibliográfica (como a Classificação Decimal de Dewey), listas de cabeçalhos de assuntos e tesouros [...]” (LANCASTER, 2004, p. 19).

O profissional deve ter em mente que mesmo usando um vocabulário controlado deverá atender a linguagem do usuário, portanto, os centros de documentação devem avaliar quais são as necessidades impostas. Segundo Lancaster (2004) indexação de imagens em movimento é considerada uma área difícil, pois abarca campos como tecnologia da fala, visão computacional e compreensão de documentos, que ultrapassam o escopo da maioria das indexações. Por conta disso, colocar limites de termos na indexação de audiovisuais limitará sua completa descrição.

Segundo Besser (1997 apud LANCASTER, 2004, p. 215) como as:

coleções de imagens possuem muito poucas informações textuais que originalmente as acompanhem nossos sistemas tradicionais de recuperação não se aplicam facilmente a elas [...] Os museus, que, coletivamente, abrigam um dos maiores conjuntos de imagens que efetivamente vêm acompanhadas de texto, muitas vezes atribuem termos a uma imagem que não são absolutamente úteis para o leigo.

Por isso a decupagem é uma das técnicas que pode auxiliar a descrição das imagens pelo fato de abordar todos os aspectos do documento para se obter o máximo de termos possíveis, sendo que esses termos são fáceis e geralmente buscados pelos usuários. A dificuldade na indexação desse tipo de documento está em sua multiplicidade de termos, os usuários entendem isso e fazem sua busca, na maioria das vezes, através de características do documento.

Segundo Lancaster (2004, p. 215):

A recuperação de imagens difere mais de perto da recuperação de textos porque os usuários de bases de dados podem querer pesquisar sobre uma ampla variedade de características, que vão desde as muito exatas (nomes de artistas, títulos de pinturas) até as muito imprecisas (forma, cor, textura [...]).

Devido à condição polissêmica dos documentos audiovisuais os profissionais da área devem estar sempre procurando novas maneiras para selecionar, descrever e preservar para que os mesmos possam ser recuperados facilmente no futuro. Este é um trabalho árduo que deve ser feito com precisão e dedicação.

Um método de indexação de imagens é o proposto por Smit (1996), conforme o quadro 1, usa as categorias QUEM, ONDE, QUANDO, COMO/ O QUE.

Quadro 1 - Método de indexação de imagens resumido

Categorias	Representação do conteúdo das imagens
Quem	Identificação do objeto: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais
Onde	Localização da imagem no "espaço": espaço geográfico ou espaço da imagem.
Quando	Localização da imagem no "tempo": tempo cronológico ou momento da imagem
Como/o que	Descrição de atitudes ou detalhes relacionados ao objeto, quando este é um ser vivo

Fonte: Smit (1996 apud ESTORNILO FILHO, 2004, p. 27).

Criada para facilitar a indexação, a tabela mostra categorias importantes para extrair o máximo de informações, algo que pode auxiliar muito, não apenas na descrição de uma fotografia, como também na decupagem de uma imagem em movimento e sua indexação. Um modelo detalhado está exposto no quadro 2 abaixo.

Quadro 2 - Método de indexação de imagens detalhado

Categoria	Definição geral	DE genérico	DE específico	SOBRE
QUEM	Animado e inanimado, objetos e seres concretos	Esta imagem é de quem? De que seres?	De quem, especificamente se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
	Exemplo	Ponte	Ponte das Bandeiras	Urbanização
ONDE	Onde está a imagem no espaço?	Tipos de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	Nomes de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar representa a manifestação de um pensamento abstrato?
	Exemplo	Selva	Amazonas	Paraíso (supõe um contexto que permita esta interpretação)
	Exemplo	Perfil de cidade	Paris	Monte Olimpo (como o exemplo anterior)
QUANDO	Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos, tempos recorrentes	Tempo cíclico	Tempo linear	Raramente utilizado. Representa o tempo a manifestação de uma idéia abstrata ou símbolo?
	Exemplo	Primavera	1996	Esperança, fertilidade, juventude
O QUE	O que os objetos e seres estão fazendo? Ações, eventos, emoções	Ações, eventos	Eventos individualmente nomeados	Que idéias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar?
	Exemplo	Morte	Pietá	Dor (emoção)
	Exemplo	Jogo de futebol (ação)	Copa do Mundo 1994	Esporte

Fonte: SMIT (1996 apud ESTORNILO FILHO, 2004, p. 28).

Segundo Estorniolo Filho (2004) cada categoria responde as questões QUEM? ONDE? QUANDO? COMO/O QUE? e as mesmas são divididas segundo os pontos de vista DE genérico, DE específico e SOBRE.

Sendo a indexação de documentos audiovisuais uma atividade exaustiva a mesma deve se aproveitar de todos as características apresentadas pela imagem, pois, o usuário pode desejar algo mínimo e isso deve estar registrado para que a necessidade informacional do usuário seja satisfeita.

2.11 CONSERVAÇÃO

Para que um documento possa resistir à ação do tempo para servir as gerações futuras é preciso que ele receba cuidados especiais, estes cuidados são chamados de conservação. Segundo Hidalgo Goyanes (2005) para que a informação seja conservada e possa ser reutilizada, é necessário um suporte material que permita sua durabilidade através do tempo.

A forma de armazenamento deste tipo de material tem grande importância no desgaste do documento. Para Hidalgo Goyanes (2005) os documentos audiovisuais tem suporte material muito instável que necessita de condições estritas de armazenamento e conservação que geralmente geram custos para a gestão do centro de documentação.

Existem muitos fatores a serem considerados no armazenamento deste tipo de material como a umidade do local, temperatura, estantes, arquitetura e iluminação. Esses fatores serão aqueles que definirão a durabilidade do documento.

Segundo Buarque (2008, p. 3) quando:

tratamos de preservação de documentos, duas etapas são essenciais e complementares: conservação preventiva e digitalização. Se a digitalização é o processo que mais se aproxima de uma preservação de longo prazo, sua funcionalidade e efetividade só alcançam bons resultados se vier acompanhada de um trabalho eficaz em conservação preventiva.

A conservação preventiva está focada no ambiente que circula o objeto procurando sempre criar ambientes propícios para a conservação do documento. Segundo Buarque (2008) na conservação preventiva são traçadas estratégias para provocar alterações nos elementos que cercam os objetos.

A conservação tem cinco tipos de elementos que devem ser controlados para que o documento perdure. Segundo Buarque (2008) os fatores a serem considerados são a umidade, poeira, radiação ultravioleta e campos magnéticos incluindo os fatores de armazenamento e manuseio. Dos fatores a serem observados os mais cruciais são a umidade e temperatura que precisam ser controlados sempre mantendo a temperatura e umidade baixas. Segundo Buarque (2008) o não seguimento dessa regra pode provocar fungos em temperaturas baixas e deformação dos suportes de leitura dos documentos em temperaturas altas. Dentre os métodos de preservação um dos melhores é a preservação digital.

Segundo Buarque (2008, p.3) a preservação de:

longo prazo só pode ser plenamente alcançada no campo digital, por alguns motivos principais. Primeiramente, em função de sua codificação binária -- na qual as informações vêm sob a forma de números (sempre zero e um) -- os arquivos digitais podem ser copiados com precisão matemática. Em segundo lugar, e diretamente relacionado ao primeiro ponto, no campo digital não ocorrem perdas de informação quando da passagem de um sistema para outro. Comparando com o campo analógico, quando geramos uma cópia de uma fita cassete, por exemplo, por melhores que sejam a fita, os equipamentos e os acessórios envolvidos no processo, sempre haverá perda de informações, algo que é, na maior parte das vezes, perceptível para o ouvinte/espectador. Finalmente, no campo digital, os dados digitais

podem ter sua integridade verificada e, dentro de certo limite de erros, serem recuperados.

Por conta dessa fidelidade que a digitalização proporciona esse tem sido o método de preservação mais utilizado nos centros de documentação.

2.12 ARQUIVOS E TV

O arquivo de TV pode possuir uma infinidade de materiais que precisam de cuidados especiais devido ao seu formato como também a quantidade de informações que possuem.

Segundo Rayo (2007, p. 65, tradução nossa):

Em um arquivo geral de uma televisão cabem todos os tipos de material gerados por e para a emissão da programação. Assim podemos encontrar desde cópias de segurança a originais de gravação, passando por paralelos de antena, originais editados, brutos, compactados, cópias de emissão, material de produção estrangeira, publicidade, material de realização, etc.

São inúmeros os meios pelos quais os documentos são emitidos. Segundo Rayo (2007) o material pode vir de programas de variedades, da área da publicidade e da área de produções estrangeiras (filmes e séries) e todos seus departamentos, levando em conta os materiais de empresas promocionais como também profissionais (polícia, bombeiros).

Também há uma grande diversidade nos tipos de formatos de fitas guardados em um Cedoc televisivo, sendo que o bibliotecário precisa ter conhecimento dessa variedade. Rayo (2012) afirma que dependendo do quanto é antigo o local é possível encontrar fitas de uma polegada como U-matic, Betacam, VHS, DVC, DVCpro, DVCam, etc.

Essa variedade de suportes pode provocar uma perda de controle sobre a quantidade de documentos tratados tendo que se tomar medidas drásticas como o descarte para que o CEDOC suporte o excesso de informação contida.

Segundo Wautelet (1986 apud RAYO, 2007, p. 65, tradução nossa)

Portanto é importante que a televisão e os responsáveis do arquivo planejem seu crescimento mediante a adoção de políticas de seleção e de arquivo para evitar que um aumento incontrolado de material desemboque na execução de decisões de conjuntura sem a devida reflexão, uma circunstância que, sem dúvida, prejudicaria o arquivo.

A condição de se fazer a contabilidade dos documentos está também ligada aos softwares que os armazenam, pois nem todos possuem a capacidade de fazer a contabilidade dos documentos audiovisuais catalogados em sua base. A forma mais usada de preservação de documentos é a digitalização.

Segundo Yepes (1997 apud RAYO, 2007, p. 67):

o redator não precisa mais sair de sua cadeira para conseguir um documento do CEDOC, agora ele usa o computador para fazer o seu pedido ao documentalista que manda o resultado da busca via computador com todas as informações pedidas.

O sistema digital apresenta vantagens e desvantagens que precisam ser avaliadas antes de sua adoção em um centro de documentação. Rayo (2007) define cada uma desses fatores no quadro 3 abaixo.

Quadro 3 - Vantagens e desvantagens do uso do sistema digital em um centro de documentação

Vantagens	Desvantagens
Qualidade de emissão: pois, permite que mais de uma pessoa utilize o mesmo arquivo.	Encurtamento de tempo: a diminuição do tempo prejudica seleção do material resultando na conservação de arquivos sem importância e em resultados ambíguos na hora da busca.
Melhor qualidade de conservação: o uso constante não prejudica o material.	Serviços do centro de documentação delegados ao redator do jornal e não ao documentalista.
Desaparecimento das fitas.	Aceleração do processo de análise do documento: os documentalistas excluem campos importantes, com resumo e descritores temáticos, para ganhar tempo.
Incorporação a um sistema atemporal: não haverá problemas ao acrescentar um novo documento ao arquivo devido a ordem cronológica seguida.	

Fonte: Elaborado pela autora segundo Rayo (2007).

3 METODOLOGIA

Metodologia é a parte da pesquisa científica em que são descritos os procedimentos adotados para coleta de dados e os resultados do estudo. Motta-Roth e Hendges (2010) definem como sendo a parte em que se explica se o estudo é qualitativo, quantitativo, exploratório ou empírico.

Dependendo da natureza da pesquisa o pesquisador pode escolher o modelo de pesquisa desejado para que seja aplicado ao objeto de estudo. Segundo Lubisco e Vieira (2013) essa parte é responsável pela descrição do tipo de pesquisa escolhida pelo pesquisador (survey, descrita, estudo de caso, entre outros).

É na metodologia em que todos os procedimentos devem ser descritos para mostrar que se chegou ao objetivo da pesquisa. Para Lubisco e Vieira (2013, p. 46) “[...] A finalidade de uma metodologia bem descrita é evidenciar o caminho que levou aos resultados e ao cumprimento dos objetivos estabelecidos, de modo que ela possa ser replicada por outro pesquisador”.

3.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Apresenta-se nos tópicos seguintes histórico do campo de pesquisa e os resultados obtidos pela pesquisa.

3.1.1 Centro de Documentação do Grupo Jaime Câmara

Segundo Melo (2006) os irmãos Jaime Câmara, Joaquim Câmara e Vicente Rebouças Câmara, criaram na Cidade de Goiás a Tipografia J. Câmara e Cia que passou a funcionar a partir do ano de 1935. O progresso chegava a Goiás através da nova cidade planejada para ser a nova capital do Estado. A empresa muda seu nome para J. Câmara e Irmãos e se transfere para a capital em 1937, nessa época sendo liderada pelo jornalista Jaime Câmara.

Segundo Melo (2006, p. 16) em 03 de abril de 1938:

circulou a edição nº 1 do Jornal O Popular, inicialmente concebido como bi-semanário e tiragem de três mil exemplares. A nova capital se firmou, como previsto, atraindo pessoas de várias localidades e acelerando o seu crescimento populacional e cultural. Para acompanhar a evolução de Goiânia, o Jornal O popular passou a contar com edições diárias em 1944.

A organização Jaime Câmara acompanhou desde o início o desenvolvimento da cidade de Goiânia. Segundo Melo (2006) desde as primeiras edições registrando a história evolutiva da capital, alguns exemplares do jornal eram guardados aleatoriamente em um arquivo primário e improvisado. Como não havia noção de guarda para a preservação para a posterioridade e falta de profissionais qualificados era comum que a guarda desses documentos fosse feita de maneira precária e em lugares insalubres, o que justifica a perda de inúmeros registros.

A construção da capital Brasília trouxe inúmeros avanços ao interior do Brasil dentre eles a TV que tinha como principal difusor Assis Chateaubriand. As primeiras emissões televisivas no Estado de Goiás acontecem no ano de 1961 com a TV Rádio Clube.

Melo (2006, p. 16) diz que a:

primeira emissão de televisão em Goiás se deve a nomes marcantes do rádio e da imprensa de Goiânia, como Francisco Braga Sobrinho, responsável pelos Diários Associados de Chateaubriand, Fued Naciff e Luiz Espíndola de Carvalho, componentes do grupo que colocou no ar a Tv Rádio Clube em 1961, alcançando sucesso excepcional, levando-se em conta que os profissionais envolvidos eram amadores nesse meio de comunicação.

O sucesso da TV ganha força em Goiás, percebendo isso Jaime Câmara convoca Fued Naciff, um dos fundadores a TV Rádio Clube, para a implantação da TV Anhanguera que viria ser inaugurada no ano de 1963, se tornando a segunda emissora criada no Estado. Segundo Melo (2006) A emissora possuía uma programação composta por programas de auditório e telenovela transmitida ao vivo. Ainda segundo a autora Melo (2006) os telejornais se valiam de filmes de película, slides e mapas para ilustrar as notícias, que eram lidas diretamente do jornal impresso. Vemos nessa parte a união do jornal impresso com o documento audiovisual. Mesmo sendo de uma forma primitiva, o audiovisual começa a se fazer presente na história da emissora.

Apenas nos anos 70, depois de um incêndio em 1967 e a filiação com a Rede Globo de Televisão, a emissora começou a se preocupar com seu acervo que já possuía grande quantidade de documentos. O projeto para a criação de um CEDOC se iniciou em 1985 com o então graduando de Jornalismo Lisandro Nogueira, que na época estagiava na emissora.

De acordo com Nogueira (2006 apud MELO, 2006, p.17) Lisandro diz que:

o arquivo de imagens da TV se limitava à guarda das películas, dispostas em rolos inadequadamente acondicionados, apresentando organização e classificação precárias. Nessa época as imagens da TV já eram arquivadas em fitas U-matic, organizadas pelo setor chamado Central de fitas e algum tempo depois foram transferidas para o CEDOC. A referência mais antiga desse arquivo data do ano de 1979.

Segundo Melo (2006) primeiramente se concentrou esforços na organização do acervo para poder disponibilizá-lo para os funcionários da área jornalística, ao fim desse processo se iniciou o processo de tratamento e conservação no qual Lisandro teve que viajar para São Paulo para achar uma empresa que fabricasse estojos para acondicionar os rolos de filmes da emissora que na época estavam sendo guardadas em caixas de latas e plásticos.

Segundo Melo (2006) em 1986 Lisandro recebeu a oportunidade de estagiar em diversos centros de documentação para que, com o conhecimento adquirido, pudesse trazer ideias ao novo centro de documentação da TV Anhanguera. Os responsáveis pelos centros de documentação das emissoras em que Lisandro estagiou vieram a Goiânia para auxiliar no projeto.

Depois de todo o processo de organização acondicionamento e aquisição de conhecimentos se iniciou o tratamento técnico dos materiais através da microfilmagem. Segundo Melo (2006) iniciou-se microfilmagem das edições diárias do jornal O Popular, implantação do atendimento ao público externo ao acervo organizado e a venda de jornais pelo CEDOC.

O ano 1987 foi dedicado a reunião e acondicionamento do acervo de fotografias em papel. Segundo Melo (2006) o acervo foi reunido e guardado em pastas suspensas dentro de armários de aço e os negativos foram organizados através de fitas U-matic.

Em 1988 se iniciou oficialmente o arquivamento do acervo fotográfico enviado pelo departamento de fotografia para o CEDOC. Segundo Melo (2006) os mesmos estavam acondicionados em envelopes próprios e quando chegavam ao CEDOC recebiam uma numeração e eram guardados nos armários de aço.

O atendimento ao público interno se iniciou através do envio de fotografias a redação do jornal O Popular e pesquisas feitas no acervo e em 1988 se iniciou o envio de vídeos para a reutilização pela redação da TV Anhanguera.

3.2 TÉCNICA DE COLETA

A técnica de pesquisa escolhida foi o estudo de caso por ser o que melhor se encaixou na temática de pesquisa.

Segundo Mota-Roth e Hendges (2010, p. 114) o estudo de caso:

possibilita o estudo intensivo de um indivíduo (um ser humano) ou grupo (tribo, empresa, comunidade, instituição, etc.) com vistas a obter generalizações a partir de uma análise abrangente do tópico de pesquisa como um todo. Por exemplo: estudo do comportamento de uma tribo indígena em termos de sua aculturação por posseiros da região.

Segundo Martins (2008 apud FREITAS; JABBOUR, 2011) o estudo de caso possibilita a penetração em uma realidade social, algo que não é possível através do estudo quantitativo.

Por possibilitar uma análise mais abrangente com esse método de pesquisa foi possível analisar todas as particularidades do CEDOC como, por exemplo, o reconhecimento do CEDOC dentro da empresa.

A presente pesquisa é um estudo de caso de natureza qualitativa. Foi elaborada uma entrevista impressa e aplicada pessoalmente (Apêndice A) a bibliotecária chefe do centro de documentação das Organizações Jaime Câmara.

3.3 ETAPAS DA PESQUISA

A visita ao CEDOC da TV Anhanguera aconteceu no dia 3 de maio de 2017. Foi elaborada uma lista de perguntas impressa que foi entregue a bibliotecária que respondeu a cada uma. A entrevista foi feita no próprio centro de documentação e, enquanto a bibliotecária Ana Márcia explicava as particularidades do processamento técnico adotado, dava demonstrações de como eram aplicados aos softwares de processamento técnico. Toda a entrevista foi gravada em áudio com autorização da bibliotecária Ana Márcia e transcrita para a presente pesquisa.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O conteúdo gravado foi transcrito para a entrevista e analisado com base na bibliografia coletada e exposta no referencial teórico

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir serão expostos os resultados obtidos com pesquisa assim como as conclusões relacionadas aos mesmos.

4.1 RECURSOS HUMANOS

Segundo a bibliotecária chefe do Centro de Documentação do Grupo Jaime Câmara “o CEDOC possui nove funcionários, contando com um funcionário que faz parte do programa Menor Aprendiz. Dois desses funcionários são formados em Biblioteconomia e um está fazendo a graduação do referido curso, um historiador graduando em História, um funcionário formado em Direito, e uma Pedagoga”. A bibliotecária chefe se formou na turma de 1990 pela Universidade Federal de Goiás.

4.2 SERVIÇOS OFERECIDOS

Dentre os serviços oferecidos estão o arquivamento e o fornecimento de imagens e vídeos para a redação da emissora e o telejornalismo. Segundo Ana Márcia “O CEDOC trabalha com os jornais produzidos pelo grupo que são: O Popular, Jornal Daqui, Jornal do Tocantins e Daqui Palmas. O CEDOC também trabalha com fotos e arquivos audiovisuais dos telejornais que são: Bom Dia Goiás, Jornal Anhanguera Primeira Edição, Globo Esporte, Jornal Anhanguera Segunda Edição e Jornal do Campo”.

Quadro 4 - Lista dos Jornais e telejornais atendidos

Jornais Impressos	Telejornais
O Popular	Bom Dia Goiás
	Jornal Anhanguera Primeira Edição
Jornal do Tocantins	Globo Esporte
	Jornal Anhanguera Segunda edição
Daqui Palmas	Jornal do Campo

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2017).

4.3 ACERVO

Segundo o depoimento da bibliotecária Ana Márcia (2017):

o arquivamento de fitas iniciou, provavelmente, no ano de 1988 muito antes de sua contratação. As primeiras fitas tratadas foram as U-matic, logo após veio a Betacam e a transição foi feita de modo manual para o novo suporte. Com o fim da Betacam ocorreu a transição para as plataformas digitais e esta transição continua até os dias atuais. No início da transição havia 3500 fitas, dessas foram digitalizadas 1000 e atualmente faltam 2500 a serem digitalizadas, essa pouca quantidade se deve muito ao processo que é bastante lento, se gasta até 2 horas para digitalizar uma fita de uma hora e meia e 6 horas para digitalizar duas dependendo de seu tamanho.

Apesar da demora na digitalização das fitas a digitalização continua sendo o melhor método a ser seguido.

Segundo Buarque (2008, p. 4):

a preservação de longo prazo só pode ser plenamente alcançada no campo digital, por alguns motivos principais. Principalmente, em função de sua codificação binária – na qual as informações vêm sob forma de números (sempre zero e um) – os arquivos digitais podem ser copiados com precisão matemática. Em segundo lugar, e diretamente relacionado ao primeiro ponto, no campo digital não ocorrem perdas de informação quando da passagem de um sistema para outro [...].

A bibliotecária não soube dizer a quantidade certa de documentos processada pelo CEDOC. Segundo Ana Márcia “é possível que o CEDOC possua mais de 10 mil documentos”. Os principais jornais da emissora são Bom Dia Goiás, Jornal Anhanguera Primeira Edição, Globo Esporte, Jornal Anhanguera Segunda Edição e Jornal do Campo. Segundo a bibliotecária “ainda existem as matérias extras que são as matérias da própria emissora que não são enviadas para a Rede Globo e as matérias especiais que são os jogos do Campeonato Goiano Brasileiro, estima-se que cada um produza de 10 a 11 matérias”.

A complexidade de fazer uma contagem do acervo está no fato do mesmo ter migrado para plataformas digitais. Segundo Ana Márcia “antigamente quando a guarda era na forma física era possível mensurar a quantidade de fitas e arquivos existentes”. Um exemplo dado pela bibliotecária está no modelo de documento audiovisual trabalhado no Cedoc, o VT (matérias que já foram ao ar). Segundo Ana Marcia. “Existem VTs que possuem 10 segundos e outros com 3 segundos de duração, às vezes uma fita pode chegar a ter 50 VTs, mas devido à transição para o digital os softwares de armazenamento não oferecem uma contagem do número de arquivos armazenados ficando a incerteza sobre a quantidade”.

Os jornais impressos têm sua versão digital arquivada no software Antology que oferece suporte para arquivar a parte de textos em HTML, os PDFs dos jornais e o Legado que são os documentos da época do sistema analógico. Segundo Ana

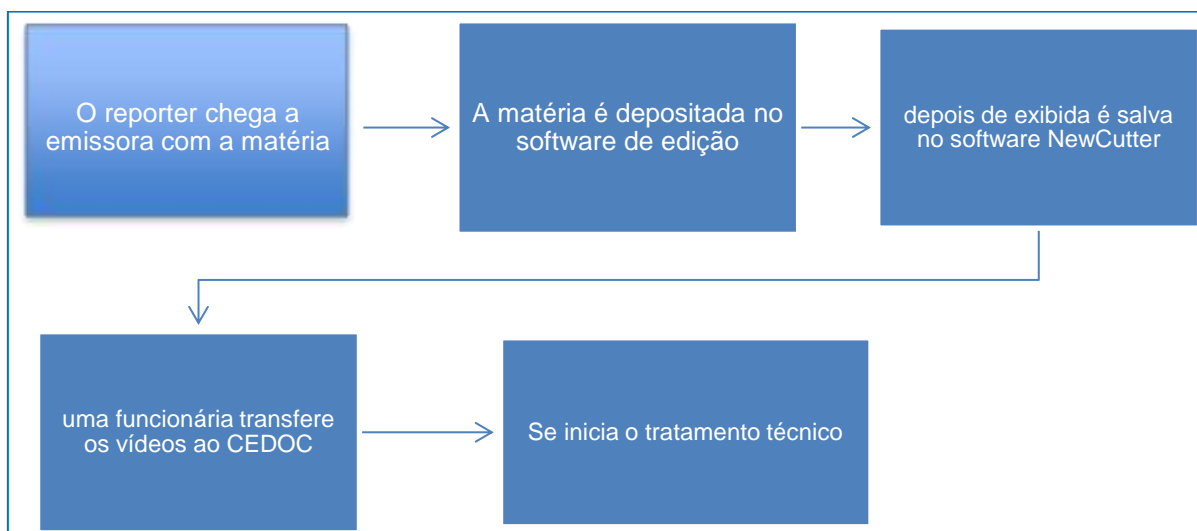
Márcia “o Legado é constituído por fotografias digitalizadas, os contatos (negativos revelados) e os jornais de toda organização microfilmados desde o ano de 1938”.

Os jornais impressos tratados pelo CEDOC são: Jornal O Popular, Jornal Daqui, Jornal do Tocantins e Daqui Palmas. Desses jornais apenas o “O Popular” é catalogado pela unidade. Segundo Ana Márcia por falta de funcionários, sendo que os outros são salvos automaticamente no Software *Antology*.

O armazenamento dos documentos audiovisuais é feito no software DIVA, da *Front Porch Digital*, apesar de ser um programa considerado de boa qualidade, pela própria bibliotecária, ele possui o defeito de não ser um MAN, programas que fazem seu arquivamento na nuvem, isso com o tempo prejudica o desempenho do software que, ao chegar ao seu limite de dados fica cada vez mais lento. Segundo a bibliotecária “o ideal seria que o armazenamento de todos os arquivos do CEDOC fosse feito na nuvem devido a grande quantidade de informação produzida. O backup dos arquivos do Cedoc é feito por um robô que armazena os dados em fitas. Recentemente esse robô foi atualizado para aumentar à capacidade do sistema, como consequência, a plataforma de dados também mudou”.

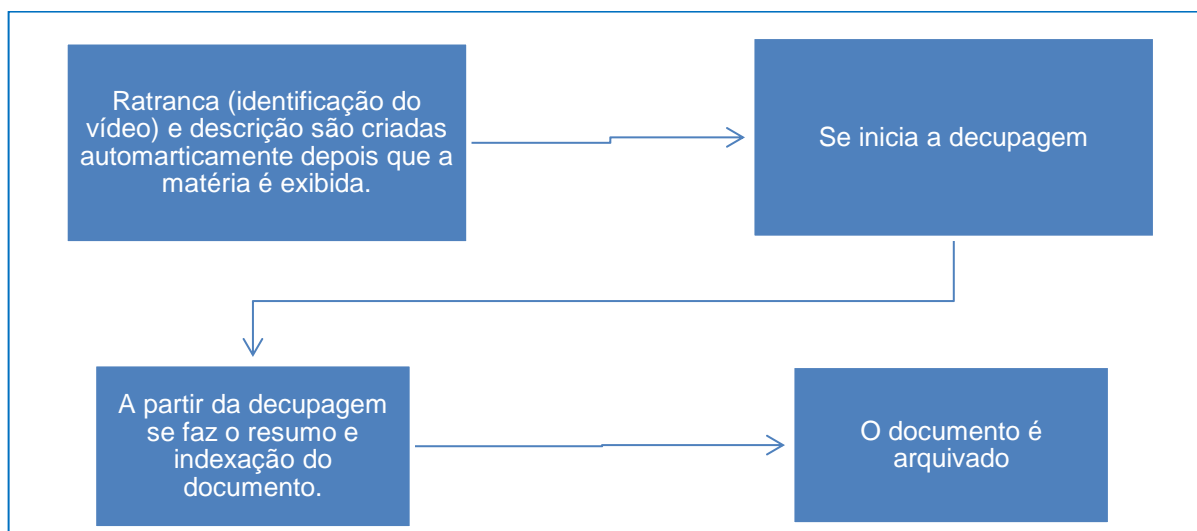
4.4 PROCESSAMENTO TÉCNICO

Segundo Ana Márcia “assim que o repórter chega à emissora depois de ter feito sua matéria ele deposita o cartão onde está salvo o vídeo com a reportagem em um equipamento de edição, depois que a matéria vai ao ar ela é salva em um software chamado NewsCutter onde cada reportagem é salva em seu determinado jornal. Uma funcionária fica responsável pela a transferência das matérias para o Centro de Documentação. Primeiramente ela pega descrição da matéria no software INews depois vê quais reportagens foram ao ar no dia para que ao final sejam enviadas ao CEDOC. É transferida a matéria e o vídeo do jornal exibido completo para que no futuro quando um usuário vier pedir uma matéria com determinado repórter a filmagem com a imagem do mesmo possa estar disponível algo que não seria possível com os VTs”.

Quadro 5 - Fluxograma do processo de chegada do arquivo ao CEDOC

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2017).

A descrição das matérias é feita através do teleprompt do repórter também chamado de *I*News, cuja guarda vem desde 2010. Geralmente quando uma matéria não é encontrada e o repórter sabe a data, a busca é feita no *I*News que indica se a matéria foi ao ar, se não foi bibliotecária precisa descobrir porque a matéria não consta para o sistema do CEDOC. A retransca, que é o endereço da matéria, é criada no momento em que ela é exibida e não pode ser mudada, “J1, golpe, casos” é um exemplo de retransca criada pelo *I*News para o arquivo, “Mais de vinte pessoas afirmaram que caíram no golpe da casa própria” é um exemplo de descrição criado pelo software; a partir disso o funcionário fará a decupagem do documento para assim ser arquivado. Além dos documentos audiovisuais, fotos e jornais impressos o Cedoc não arquivava outros tipos de documentos.

Quadro 6 - Fluxograma de processamento técnico

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2017).

Logo após o envio ao CEDOC é feita decupagem para depois passar para as próximas etapas que são as de catalogação e indexação. A bibliotecária que comanda o CEDOC criou um dicionário hierárquico que possui três níveis de hierarquia para servir de guia na etapa de indexação dos audiovisuais. Segundo Ana Márcia “não é imposto um limite de palavras chave porque cada palavra usada para descrever o documento audiovisual é importante, só se limita o número quando visto que existem palavras em excesso para evitar termos desnecessários”. Um exemplo dado por ela é o da palavra “traficante” que havia sido colocada em um dos arquivos audiovisuais. Segundo ela “é um termo que não deveria ter sido colocado por ser extremamente genérico. Nenhum repórter pede uma matéria sobre ‘traficante’ em geral e sim sobre um ‘traficante específico’”. Para a bibliotecária “a indexação generalista, ou não adequada, não é um erro, mas sim um equívoco do profissional ou um pouco de inexperiência, pois essa área requer muita leitura e atenção para que a indexação não fique totalmente fora da linguagem do usuário”.

Segundo Santos (2013, p. 5):

A consulta às fontes de informação disponíveis, sejam jornais impressos, revistas e/ou portais de notícias, por exemplo, pode servir de grande auxílio nas atividades de decupagem e indexação no ambiente de um arquivo de TV. Isso se justifica pelo fato de que as notícias são sempre difundidas nas diversas plataformas de comunicação existentes[...].

Essas consultas ajudam o bibliotecário ampliar o seu conhecimento de mundo para evitar termos generalistas no momento da indexação.

Santos (2013, p. 6) expõe que:

Vale ressaltar também os casos de ambiguidade e polissemia que podem vir a ocorrer na indexação das imagens em movimento. Um exemplo nítido é o do termo “quadriha”, o qual poderá ser indexado numa reportagem sobre os festejos juninos no Nordeste ou sobre a prisão de criminosos falsários de documentos, por exemplo.

Os jornais em PDF e a descrição dos mesmos são salvos no Software *Antology*. Dentre os campos usados para catalogação estão os assuntos, retirados do dicionário hierárquico, data de publicação, nome do jornal, palavras-chave, cidade. A funcionária ao receber o jornal tem a opção de copiar ou ler o jornal para que seja feita sua descrição e outro funcionário fica responsável por colocar os dados técnicos do arquivo, como repórter, cidade, palavras – chave, estado e assunto.

Segundo Ana Márcia “Uma vez no CEDOC ocorreu de um usuário pedir uma imagem de alguém com o pé engessado, todos os funcionários tiveram dificuldades para encontrar essa imagem até que ela pensou em procurar a imagem com o termo ‘hospital’ e a mesma foi encontrada então a bibliotecária aconselhou para que não deixasse de citar informações como aquela, pois facilita muito na hora da busca para o usuário”. Ela descreveu essa situação como “um dos exemplos de que o usuário ajuda a construir um glossário de termos usuais”. Esses termos são todos adicionados no dicionário do Cedoc que está sempre em construção.

4.5 PRESERVAÇÃO DO ACERVO

Todo o sistema dos jornais digitalizados e fotos possuem um backup salvo na *Atex*, empresa desenvolvedora dos softwares, e a parte dos vídeos é preservada no Data Center na empresa por robôs que são as fitas de backup. Atualmente todos os documentos do CEDOC estão no formato digital, mas a bibliotecária confessa que nunca houve uma política de preservação de acervo, sendo que tempos atrás muitos documentos antigos encontravam-se jogados em gavetões sem o devido cuidado. Uma forma encontrada de preservar os jornais impressos por algum tempo foi a microfilmagem e, logo depois, esse processo foi abandonado pela digitalização em PDF desses exemplares.

O CEDOC guarda um exemplar de todos os jornais impressos por um ano, depois desse período, eles são levados ao galpão do CEDOC que fica no Morro do

Medanha, região noroeste da cidade de Goiânia, para ficarem guardados permanentemente. Segundo Ana Márcia “ são separados dois jornais para o ‘Projeto Memória’, estes são empacotados e levados e um exemplar de O Popular e Jornal Daqui fica no CEDOC para serem digitalizado”. Essa medida é justamente para evitar que em caso extremos, como um incêndio, toda a documentação seja perdida. Segundo Ana Márcia “Ainda existe um acervo com filmes em 16 mm que foram encontrados em péssimas condições de armazenamento que e hoje estão sendo digitalizados”.

É possível ver nesse tópico a relação com os relatos de Melo (2006) sobre a história do CEDOC (como visto na delimitação do campo de pesquisa) que comprova que nunca houve uma política de conservação do acervo arquivístico na empresa.

4.6 USUÁRIOS

O público-alvo é todo o Grupo Jaime Câmara, mais especificamente, a redação do jornal O Popular, redação da TV e a área comercial que cuida da venda de exemplares dos jornais impressos. Sobre a área comercial a bibliotecária acrescentou que no passado era o CEDOC que fazia a venda desses exemplares e sua localização física, que na época ficava no subsolo da empresa, favorecia esse tipo de atividade. Devido ao fato de ter mudado de local não se tornou mais segura a entrada de pessoas nem para pesquisa e compra devido a mesma estar muito exposta. Existe a intenção no futuro de disponibilizar todos os jornais na internet na forma paga para que as pessoas tenham acesso.

Sobre o reconhecimento do CEDOC mediante a empresa a bibliotecária Ana Márcia sente que as áreas da empresa que trabalham diretamente com o CEDOC sabem de sua importância e uma das áreas da empresa que mais usa os serviços seria a redação do jornal O Popular através do uso do software *Antology*. A bibliotecária Ana Márcia relata que antigamente a redação do jornal O popular pedia muito mais informações do que o telejornalismo e, atualmente, essa situação se inverteu. Quando a redação do jornal pede alguma coisa geralmente é uma informação mais elaborada, como uma edição especial para publicação.

Todas as matérias normais e especiais do telejornalismo são feitas com o apoio do CEDOC. As matérias especiais começam a ser elaboradas com dois

meses de antecedência. A redação manda o tema e o centro de documentação faz a pesquisa e tudo que for sendo resgatado é avaliado pela redação para ser incluso nas reportagens especiais.

Sobre o restante da empresa que não possui ligação direta com o CEDOC os funcionários sentem que não há conhecimento sobre a função que exercem na empresa, chegando ao ponto de alguns acharem que o funcionário do centro de documentação tem apenas a função de atender telefonemas. Todo funcionário quando chega a empresa tem uma pequena palestra sobre as áreas principais sendo que algumas vezes o CEDOC chega a ser esquecido pelo fato de, até mesmo quem elabora apresentação da empresa não ter o devido conhecimento sobre o centro de documentação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o telejornalismo da TV Anhanguera o centro de documentação é uma ferramenta indispensável, pois supre todas as necessidades em termos de imagem e informação que a redação precisa. Sendo o telejornalismo o carro-chefe da empresa o CEDOC faz o papel de pesquisador para apoiá-lo em suas necessidades. Mesmo possuindo uma importância tão grande para a empresa o centro de documentação ainda é desconhecido pelas áreas que não são totalmente ligadas a ele, provocando certa sensação de desvalorização sentida pelos trabalhadores do local.

Objetivo da pesquisa era avaliar como era feito os processamento técnico do CEDOC da TV Ananhaguera e notou-se que as técnicas adotadas são visivelmente embasadas em técnicas expostas na literatura existente na área.

Um ponto importante a ser destacado é o uso avançado da tecnologia no CEDOC no fato de que praticamente todos os arquivos de vídeos, jornais e fotos são preservados no formato digitais o que dispensa e muito o gasto com o uso de grandes espaços para armazenamento e facilita a disponibilização de conteúdo para os usuários, se possível, para o público externo. Um ponto fraco está no fato do programa de armazenamento de vídeos não ter backup na nuvem e ser feito em um robô (fita) o que prejudica e muito no desempenho do programa no momento em que o mesmo atinge o seu limite.

É preciso que haja mais estudos na área dos documentos audiovisuais principalmente os televisivos, pois os mesmos são responsáveis por guardar fatos importantes da história por meio da imagem e do som o que os torna valiosos para a história nacional e mundial. Uma proposta de estudo é a de que seja analisada a falta de centros de documentação audiovisual em outras emissoras e se os profissionais que gerenciam esses lugares tem a noção da importância do mesmo.

É comum ver esse tipo de documento abandonado e perdido e ao mesmo tempo tendo sua importância ignorada. A Biblioteconomia tem a missão de contribuir para essa área tão pouco estudada para contribuir com a preservação da história brasileira.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Walkíria Toledo de. Uso da Informação Audiovisual em Bibliotecas: dados de pesquisas. **Inf. & Soc.:** João Pessoa, v.2, n.1, p.35-41, jan./dez. 1992. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13963>>. Acesso em: 12 dez 2017.

BALAN, Willians Cerozzi. Um breve olhar pela evolução da TV no Brasil. **Revista Produção Profissional**, São Paulo, n. 124, 2012. Disponível em:<http://www.willians.pro.br/textos/Um_breve_olhar_pela_evolucao_da_TV_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma história social da mídia, de Gutemberg à Internet**. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro, Jorge Sahar, 2005.

BUARQUE, Marco Dreer. Estratégias de preservação de longo prazo em acervos sonoros e audiovisuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL 9., 2008, São Leopoldo. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral; São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2008. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1718.pdf >. Acesso em: 20 jul. 2017.

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. Tratamento temático da informação. In:_____. **Análise de assunto:** teoria e prática. 2. ed. Brasília, DF: Thesaurus, 2007. cap 1. p. 13-26

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. O processo de tratamento temático. In:_____. **Análise de assunto:** teoria e prática. Brasília, DF: Thesaurus, 2007. cap 2. p. 27-34.

ESTORNILO FILHO, José. **A representação da imagem:** indexação por conceito e por conteúdo. 2004. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)-Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Estorniololo-Imagem.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2017.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **ESTUDO & DEBATE**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550> >. Acesso em: 15 ago. 2017.

GOYANES, Paloma Hidalgo. La documentación audiovisual de las televisiones la problemática actual y el reto de la digitalización. **Documentacion de las Ciencias de la Información**, v. 28, 156-171, 2005. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/DCIN0505110159A/19216> >. Acesso em: 05 ago. 2017.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos:** teoria e prática. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004. 452 p.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico:** trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <<http://www.belasartes.ufba.br/wp-content/uploads/2016/05/manual-de-estilo-academico-2013-Repositorio2.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2017.

MELO, Sebastiana Aparecida de. **Análise histórico-descritiva do centro de documentação da Organização Jaime Câmara e sua importância como fonte de informação para a produção jornalística.** 2006. 37 f. Monografia (Especialização em assessoria da comunicação)-Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Crhistofoletti. **Catálogo no plural.** Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

MIRANDA, Letícia Costa. **O tratamento técnico da documentação audiovisual da TV UFG.** 2010. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)-Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4303/2/TCCG-BIBLIOTECONOMIA-MARIA%20LETICIA%20MIRANDA.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

MOTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade.** São Paulo: Parábola, 2010.

RAYO, Mabel Giménez. **Documentación audiovisual de televisión la selección del material.** Espanha: Ediciones Trea, 2007. 214 p.

RUBIO, Alfonso. La documentación audiovisual em el centro territorial de TVE en la Rioja. **Berceo**, [S.l.], n. 144, p. 215-233, 2003. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=698051> >>. Acesso em: 15 jun. 2014.

SANTOS, Adriely Maria de Paula. **Documentação audiovisual e o estúdio de rádio e TV da faculdade de informação e comunicação da universidade federal de Goiás.** Goiânia: UFG, 2016.

SANTOS, Francisco Edvander Pires. Documentos e informações audiovisuais: a teoria arquivística e as técnicas da Biblioteconomia aplicadas à organização de arquivos de TV. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 14, n. 5, out. 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17523/1/2013_art_fepsantos.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

SANTOS, Gildenir Carolino. Indexação. In. _____. **Fontes de indexação para periódicos científicos:** um guia para bibliotecários e editores. Campinas: E-Color, 2011. cap. 5. p. 7-8.

SMIT, Johanna W. Documento Audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, jan/jun. 1993.

VIEIRA, Fernanda Amanda Rodrigues. **A indexação do acervo fotográfico do museu da imagem e do som de Goiás**. Goiânia: UFG, 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 Quantas pessoas trabalham no centro de documentação?

2 Além dos arquivos de vídeos e de imagens quais são os outros documentos guardados?

3 Quais os serviços oferecidos?

4 Qual o número de imagens armazenadas?

5 Quantos arquivos de vídeo?

6 Como é feito o empréstimo interno?

7 Há empréstimo externo?

8 Como são preservados os materiais?

9 Como é feito o tratamento técnico?

10 Missão, visão e valores do centro de documentação?

11 Qual o público alvo?
